



Deus, o Homem e o Mundo

Aula 4

www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/

Quando olhamos para o mundo a nossa volta por meio das Escrituras, o que vemos? Essa é a pergunta crucial que nos impulsiona a formulação de uma cosmovisão cristã. Creio que ao colocarmos esses óculos, as primeiras realidades que devemos abordar são o próprio Deus, o Homem e o Mundo. Quem é Deus? Quem é o homem?

Qual a relação entre Deus e o homem? O que é o mundo que nos rodeia? Lembre-se de que vamos olhar para tudo isso por meio das Escrituras.

Em uma cosmovisão cristã – ou seja, na posição do teísmo cristão – Deus obviamente existe. Contudo, o teísmo cristão não é a única cosmovisão que admite a existência do Divino. O deísmo, o monismo panteísta e até mesmo certas linhas de Nova Era admitem a existência de um ser superior, do Sagrado e assim por diante. A ideia de uma divindade existente já era clara para Platão e também para Aristóteles.

Justo Gonzalez explica como o pensamento grego acabou esvaziando a personalidade do Deus das Escrituras e gerando uma divindade perfeita mas impassível, indiferente e incapaz de manter um relacionamento pessoal com sua criação.¹

Contudo, na cosmovisão cristã há algumas diferenças notórias, sobretudo, a afirmação de que Deus é eterno, pessoal, comunitário, relacional e moral. Cada um desses aspectos é essencial para compreendermos quem Deus é na cosmovisão cristã

A eternidade de Deus afirma que o Eterno não está amarrado na travessa do tempo ou do espaço como as suas criaturas estão. Charles Hodge afirma que “a infinitude de Deus em relação ao espaço é sua imensidade e onipresença. Em relação com o tempo é sua eternidade. Assim como Ele está livre das limitações do espaço, da mesma maneira está exaltado acima de todas as limitações do tempo [...] Para Ele não há distinção entre o presente, o passado e o futuro; todas as coisas estão igualmente sempre presentes para ele. Para Ele o tempo é um eterno agora”.² O Eterno tem a “soberania sobre o tempo que criou”,³ nas palavras de Emil Brunner.

Essa eternidade de Deus nos afirma que além de sua pessoa não existia nada e que portanto Deus é o único ser auto existente. Nessa perspectiva, a percepção do teísmo se distingue da visão de mundo grega antiga e do monismo, no qual o universo é eterno. Além disso, nos lembra a transcendência de Deus.

O Criador é uma pessoa, pois somente uma pessoa pode escolher, decidir fazer com que em lugar do nada haja algo. Logo, o Criador é um ser pessoal, “uma vez que optou por converter um estado de nulidade em um Universo tempo-espaço-material”.⁴ Logo, “Deus não é uma mera força, ou energia ou ‘substância’ existente. Ele é pessoal”.⁵

Esse aspecto da personalidade se liga a outros dois aspectos importantes: Deus é pessoal e mais do que isso, é tri pessoal, é comunitário e relacional.⁶ Agostinho afirmou com tanta propriedade que “o Deus único e verdadeiro não é somente o Pai, mas o Pai, o Filho e o Espírito Santo”.⁷ Essas afirmações juntas tem um impacto imenso na maneira de compreender a Deus, pois ao invés de uma Divindade solitária ou de divindades em conflito – os padrões clássicos dos mitos antigos – temos um Deus que é comunitário e que é amor em si mesmo e que “não cabe em si”.⁸

Ao mesmo tempo, Deus é um ser moral. Isso equivale a afirmar que Deus, por ser alguém, não é impassível diante do mal mas distingue o bem do mal, o certo do errado e criou um universo moral.

Por que Deus não cabe em si mesmo então o Eterno cria e aqui começamos a ver quem é o homem em uma cosmovisão teísta. O homem é criado por amor e para vivenciar o amor do Eterno. Para que possa haver relacionamento, o Eterno o cria o homem como um ser pessoal, ou seja, assim como o próprio Criador o homem é alguém que possui consciência, ou uma “pessoa criada”, nas palavras de Anthony Hoekema.⁹ Este é um dos sentidos da imagem de Deus no homem. De fato, “o ensino sobre a humanidade dado no capítulo inicial de Gênesis é totalmente singular. Diferentemente dos mitos religiosos comuns sobre a criação, que descrevem o homem como uma

¹ GONZALEZ, Justo. *Historia Del Cristianismo* -Tomo 1. Miami: Editorial Unilit, 2003, p.207

² HODGE, Charles. *Teologia Sistemática* – Volumen I. Barcelona: Editorial CLIE, 1991, p.285

³ BRUNNER, Emil. *The Christian Doctrine of God – Dogmatics* Vol. London: Lutterworth Press, 1964, p.271

⁴ GEISLER, Norman L.; TUREK, Frank. *Não tenho fé suficiente para ser ateu*. São Paulo: Editora Vida, 2006, p.203

⁵ SIRE, James W. *O Universo ao Lado*, São Paulo: Hagnos, 2004, p.27

⁶ MOLTSMAN, Jürgen. *Trindade e Reino de Deus: Uma contribuição para a teologia*. Petrópolis: Vozes, 2000, p.34

⁷ AGOSTINHO. *A Trindade*. São Paulo: Paulus, 1994, p.227

⁸ RIBEIRO, Claudio de Oliveira. *O Deus que não cabe em si: Reflexões sobre a Doutrina da Criação e a Antropologia Teológica* – in Revista Caminhando v.13, n. 21, p. 41 - 61, jan –mai, 2008, p.49

⁹ HOEKEMA, Anthony. *Created in God's Image*. Grand Rapids: William B. Eerdmans Publishing Company, 1986, p.6

'ideia posterior' ou como um produto 'acidental' dos deuses, toda a narrativa de Gênesis chega a um clímax no relato da criação do homem".¹⁰

Ramachandra afirma que "Deus é mistério, e o homem à imagem de Deus é um mistério. Quando estamos diante de uma outra pessoa, por mais indigente, deficiente ou degradada que seja, estamos diante de algo que é o veículo do divino, o que, segundo a terminologia clássica de Martin Buber, é 'Alguém' e não uma 'coisa'".¹¹

Além de conceder uma dignidade ao homem, essa visão nos ajuda a perceber que o ser humano é relacional e comunitário assim como o Criador que o criou. Keller nos lembra que "a Bíblia diz que os seres humanos foram criados a imagem e semelhança de Deus. Não é de surpreender, então, que tenhamos sido criados para adorar a Deus e viver para a sua glória, não para a nossa própria. Fomos feitos para servir a Deus e aos outros".¹²

Uma vez que Deus, o Criador, é um ser que em sua relação trina e com a criação não é auto centrado, o design colocado no homem implica em descobrir a felicidade e a completude no outro e não apenas em si mesmo. O casamento é, portanto, algo que foi Criado por Deus como o ambiente perfeito para que o ser humano possa descobrir como é a vida trinitária: viver centrado no outro.

Essa percepção por si só nos encaminha para a discussão sobre a moralidade do homem, sua ética. Criado com a capacidade de distinguir o bem do mal, o homem escolheu abraçar o mal e se rebelar contra o Criador, vivendo assim contra seu design: o homem se tornou autocentrado. Em uma visão teísta a compreensão do ser humano deve passar necessariamente por essas duas imagens conjugadas: o ser humano como imagem e semelhança de Deus e o ser humano como criatura em rebelião, criatura caída e corrompida.

Obviamente isso produz uma leitura extremamente complexa do ser humano, que tende a ser ignorada por abordagens reducionistas na tentativa de explicar o ser humano ora como um animal evoluído ora como produto do meio.¹³ Ramachandra produz uma excelente discussão a respeito em seu livro "A falência dos deuses" quando nos lembra que o homem é um mistério, é complexo e nossa humanidade não deve ser banalizada nem o ser humano coisificado.

O Eterno. O Homem. E o mundo? Bem, o mundo na visão teísta é um grande veículo e ao mesmo tempo um grande palco. Por uma via, o mundo é veículo para que Deus mostre a si mesmo e revele sua glória, seu poder, sua criatividade e sua providência. O mundo como criação, a natureza e o universo, incluindo o homem, compõem aquilo que os teólogos chamam de Revelação Geral.¹⁴ Eles mostram quem Deus é, eles falam sobre a glória do Criador com eloquência silenciosa e perene.

Neste sentido a ordenação da natureza e os sistemas, o meio ambiente com sua fauna e flora, os animais, as espécies, as plantas, as intrincada e complexas relações biológicas e químicas da natureza mostram um mundo no qual há vida, beleza e ordem revelando um Criador. O universo, as estrelas, o cosmo e as galáxias com suas complexas relações físicas revelam um Deus poderoso e criativo.

Por outro lado, diferente do monismo panteísta, na cosmovisão cristã Deus e a sua criação são distintos e não se "misturam". No monismo panteísta Deus é tudo e tudo é Deus. Não é possível fazer essa declaração na cosmovisão cristã. O homem, que é o ser criado a imagem e semelhança de Deus, é criado como um ser pessoal distinto do Criador, de tal maneira que nesta relação existe alteridade. Deus e o homem se colocam em uma relação de eu/você na qual a unidade não extingue a pessoalidade e vice-versa.

Ao mesmo tempo, o mundo é um palco pois no mundo – especialmente no nosso planeta – desenrola-se a trama do relacionamento entre o Criador e a criatura. Neste sentido, o teísmo tem uma visão linear da história, diferentemente do pensamento grego antigo e de vários outros povos do círculo cultural indo-europeu, que possuíam uma visão cíclica da história. Isso quer dizer que na visão teísta o mundo é o palco onde se desenrola uma história que possui início, meio e fim.

Obviamente esse desenrolar da história de redenção no palco do mundo, da criação, se dá com a regência do Criador. A soberania de Deus, ou seja, o fato de que o Criador não apenas criou o mundo mas continua a agir nele por meio de seu governo e providência, garante que o correr da história ocorre debaixo do cuidado de Deus. Dessa forma, na cosmovisão cristã a história é o cumprimento do plano e dos propósitos de Deus. Esta é a declaração mais veemente do livro de Apocalipse.

Nesta perspectiva, o mundo como palco da redenção em uma história linear nos dá uma percepção que existe uma metanarrativa, ou seja, uma narrativa do universo do princípio ao fim. Este é um ponto no qual a cosmovisão teísta se afasta de praticamente todas as demais.

¹⁰ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.87

¹¹ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.91

¹² KELLER, Timothy. *O significado do casamento*. Vida Nova: São Paulo, 2012, p.75

¹³ RAMACHANDRA, Vinoth. *A falência dos deuses: a idolatria moderna e a missão cristã* – São Paulo: ABU, 2000, p.214

¹⁴ GEISLER, Norman. *Teologia Sistemática: Introdução à Teologia* – Vol I. Rio de Janeiro: CPAD, 2010, p. 60; HODGE, Charles. *Teologia Sistemática* – Volumen I. Barcelona: Editorial CLIE, 1991, p.39